Rio de Janeiro – Terça-feira, 31 de outubro de 2000 cadernob@jb.com.br
JORNAL DO BRASIL

O palco dos marginalizados

Marco Terranona – Divulgação



João e Rosa, encenada no Centro de Arte Hélio Oiticica: romance entre um português e uma prostituta

Nova montagem da Cia. Ensaio Aberto se inspira em João do Rio

A Companhia Ensaio Aberto escolheu o Centro de Arte Hélio Oiticica, bem ao lado da Praça Tiradentes, no Centro, para montar sua nova peça, *João e Rosa*, com texto de João Batista inspirado na obra do cronista João do Rio (1881-1921). A Tiradentes é o cenário ideal para o desenrolar da história dos personagens do título – João, português que trabalha num botequim na Rua do Lavradio e sonha enriquecer, apaixonado por Rosa, jovem prostituta em busca de ascensão social. O início do século 20 dá atmosfera para a história, num Rio afogado em cortiços, varíola, febre amarela e tuberculose, prestes a ser "civilizado" numa ampla reforma pelo prefeito Pereira Passos.

"Não deixa de ser uma história de amor. João não é exatamente um cliente, mas um protetor de Rosa. Ela vai buscar nos amantes quem possa oferecer melhor proteção", explica o diretor Luiz Fernando Lobo. No palco, o ator Guido Campos Corrêa (João) contracena com Tuca Moraes (Rosa) e mais cinco atrizes que vivem prostitutas – Elga Baldez, Fernanda Faria, Mylene Castro e Leila Moreno.

Apesar de focalizar o romance, a peça pretende mais, ao falar dos marginalizados, prostitutas e travestis: retratar uma cidade que já nasce excludente. Não é a primeira vez que a Cia. Ensaio Aberto visita o universo dos excluídos. Em seu primeiro espetáculo, *O cemitério dos vivos*, em 1994, mostrou outros excluídos, os loucos e os alienados, com inspiração na obra de Lima Barreto e adaptação de João Batista, ex-assistente de Lobo.

"Com João do Rio, falamos dos outros marginalizados: prostitutas, travestis, gente da rua", diferencia. O texto, assinado também por Batista, foi inspirado na crônica *Puro amor*, do livro *A mulher e os espelhos*, de João do Rio, atento observador das transformações do Rio Antigo. É também para o público marginalizado, que povoa os arredores da Praça Tiradentes, que a peça quer falar. Tanto que a montagem conta com patrocínio do Ministério da Saúde e Ação da Cidadania, além da Prefeitura do Rio. A Prefeitura comprou vários espetáculos, possibilitando um ingresso de R$ 2. "Da mesma maneira que procuramos agregar novos espectadores com temáticas diferenciadas, também buscamos novos parceiros. Hoje a doença social não é mais a varíola, mas a Aids", explica o diretor.

Com um pé no documental e outro no engajamento, a Cia. Ensaio Aberto vai construindo seu repertório. Em *Companheiros*, visto por quase 40 mil pessoas no Teatro Glauce Rocha ano passado, o grupo levou ao palco uma reunião de textos de ícones da esquerda, como o último discurso do presidente Salvador Allende, assassinado pela ditadura no Chile, para chamar o público à realidade. A peça foi apresentada este ano com sucesso em Portugal e gerou um convite da Prefeitura de Lisboa para a companhia encenar *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, que deverá ser montada no Rio em 2001. "De fato, estamos formando uma unidade temática, mesmo quando montamos textos de autores estrangeiros", diz Lobo, referindo-se, entre outras, à montagem de *A mãe*, de Bertolt Brecht, em 1998.

A ambientação de *João e Rosa* é de Daniel Pinha. A iluminação é de Aurélio de Simoni e os figurinos de Cláudio Moura. Para estruturar a montagem, Lobo tomou como eixo da pesquisa os livros *Trabalho, lar e botequim* e *A cidade febril*, ambos do historiador Sidney Challoub. O primeiro analisa a vida dos trabalhadores na belle époque, como eram as relações de amor, sobrevivência, moradia. *A cidade febril* focaliza a cidade em 1904 e fala de fatos como a Revolta da Vacina. As apresentações do espetáculo ocorrem terças, quartas e quintas, às 19h. **(M.R.)**